

RECADO DE PARIS

Elevadores pachorrentos mas infalíveis

PARIS, outubro — (Via Pa-nair) — É fácil reconhecer um brasileiro ou americano que está há pouco tempo em Paris só pelo jeito dele entrar no elevador. Ele se atrapalha com esas portinhas vai-e-vem e muitas vezes, querendo ser gentil com uma dama, acaba lhe dando com uma portinhola na testa. Também se esquece, quase sempre, de mandar o elevador para baixo, depois de subir. Extranha que em muitos apartamentos o elevador sirva apenas para subir e nunca para descer. Ri dessas gaiolinhas pitorescas. Descobre que há milhares de prédios de seis andares em que elas não existem — e todo mundo tem mesmo de usar a escada.

Em resumo: o carioca ou paulista acaba ficando em Paris, a não ser que habite um hotel de luxo, com o complexo do elevador francês. E morre de espanto quando sabe que ainda existem — como na rue des Saussaies — alguns elevadores em que o sistema de pesos compensados tem de ser acionando a mão pela porteira...

Mas com o tempo a gente descobre uma coisa impressionante: que o elevador francês funciona. Essas gaiolinhas de portas de vidro trabalham dia e noite, muito devagar, resmungando um pouco, mas trabalham sempre. São como essas criadas velhas e rabugentas, de famílias antigas, que dão a impressão de que não prestam para mais nada — e, entretanto, estão sempre a trabalhar, acordam a qualquer hora e inspiram, em toda a família, uma espécie de confiança e de segurança, e lhe prestam uma série interminável de pequenos serviços efetivos e afetivos que valem mais do que tudo.

Nossos largos elevadores de portas rápidas, violentamente automáticas, às vezes estúpidos e infantilizadas em sua brutalidade metálica e elétrica — são atletas frageis. Estão sempre enguiçados. No momento em que a gente tem mais pressa, lê um aviso: "Não funciona". O monstro se resfria facilmente. Torna-se mudo — e se insistimos, ele se faz terrível, com suas guilhotinas horizontais, seu ronco negro, seu estrondo feroz.

Paris, cidade sem arranha-céus, pôde se dar ao luxo desses pequeninos elevadores lentos e pachorrentos como burricos velhos. Sim, há nelas, quando a gente se habitua, uma espécie de doçura animal. Meu elevador resmunga e suspira quando chego pela madrugada — mas, enfim, me carrega sempre, com paciência. Acabei criando por ele uma pequena ternura; e num mundo tão cheio de máquinas estúpidas e assassinas acho bom confessá-la.

Rubem BRAGA

23. 10. 50